

Transações correntes têm déficit de US\$ 12 bi

Recuo ainda é pequeno comparado aos US\$ 13,4 bilhões registrados no mesmo período do ano passado.

Mônica Izaguirre
de Brasília

O déficit brasileiro em transações correntes com o exterior recuou pouco, até junho, comparativamente ao que terá de cair até final do ano para não ultrapassar o nível máximo desejado pelo governo para 1999. Tal como deixou claro no novo acordo com o Fundo Monetário Internacional, o governo quer limitar o déficit do ano a US\$ 21 bilhões, o que exige uma queda de 37,5% em relação a 1998. O fluxo negativo verificado no primeiro semestre, porém, foi apenas 8,32% inferior ao de igual período do ano passado.

Os números do déficit até junho foram divulgados ontem pelo Departamento Econômico (Depec) do Banco Central. Nos primeiros seis meses do ano, a conta de transações correntes foi deficitária em US\$ 12,289 bilhões, ante US\$ 13,405 bilhões de igual período de 1998.

Considerando o fluxo acumulado em 12 meses até junho, o déficit também recuou em relação ao período terminado em dezembro, pois saiu de US\$ 33,611 bilhões, para US\$ 32,495 bilhões. Mas aumentou em relação ao final de maio, quando o acumulado em 12 meses estava em US\$ 32,030 bilhões. O déficit mensal de junho, especificamente, foi de US\$ 2,946 bilhões, superando o de igual mês de 1998, o que fez aumentar o déficit em 12 meses.

Apesar do tímido recuo do déficit semestral, o chefe do Depec, Altamir Lopes, manteve o discurso otimista ontem, ao anunciar os números. Ele acredita que a estimativa de US\$ 21 bilhões é factível porque a grande diferença será em relação ao segundo semestre de 1998. Por causa da crise detonada pela moratória russa em agosto, o déficit piorou muito e foi excepcionalmente alto no restante do ano de 1998. Com a mudança de cenário e de regime cambial, o desempenho será muito diferente em 1999 na comparação do segundo semestre de 1998, diz Lopes. Do déficit total de 1998, quase dois terços ocorreram de julho a dezembro.

No acumulado do ano, o déficit terá de recuar US\$ 12,6 bilhões em relação ao ano passado, para ficar nos US\$ 21 bilhões. O maior fator de redução seria, pelas estimativas, o desempenho da balança comercial. O governo espera que em 1999 o País consiga produzir um superávit comercial de US\$ 4 bilhões, como explicitou no memorando de entendimento com o FMI. Isso significa uma virada de US\$ 10,6 bilhões, já que, em 1998, houve déficit de US\$ 6,591 bilhões.

Até junho, a balança comercial acumulou déficit de US\$ 616 milhões. Portanto, para que o resultado pretendido seja confirmado, será necessário produzir um superávit de US\$ 4,616 bilhões em apenas seis meses, de julho a dezembro. Altamir Lopes acredita que isso será conse-



Altamir Lopes

guido, pois, as exportações mal teriam começado a reagir à desvalorização cambial e à recuperação de linhas de crédito externas.

Mesmo que o tudo saia como pla-

nejado em relação à conta de comércio, para o déficit em transações correntes ficar dentro do pretendido será necessário conseguir uma redução de mais US\$ 2 bilhões na soma das outras duas grandes contas que integram a conta corrente: a de serviços e a de transferências unilaterais.

Lopes admite que as despesas com juros sobre dívida externa, que fazem parte da conta de serviços, não vão cair. Ao contrário, chegarão a US\$ 18 bilhões, cerca de US\$ 2,2 bilhões a mais que em 1998. Portanto, seria necessário um ganho superior a US\$ 4 bilhões em outros serviços, como viagens internacionais e transportes, e em transferências unilaterais.

Ele assegura que isso é factível diante do comportamento verificado até junho. De janeiro a junho, as despesas líquidas com viagens interna-

cionais caíram de US\$ 1,843 bilhão para US\$ 557 milhões, recuando US\$ 1,28 bilhão na comparação de 1998 com 1999. As despesas com transportes também tiveram um ligeiro recuo, de US\$ 230 milhões. As despesas líquidas com lucros e dividendos tiveram queda, de US\$ 455 milhões.

Outro item que caiu foi o de serviços diversos, cujas gastos líquidos recuaram em US\$ 350 milhões. Na conta de transferência unilaterais, que, ao contrário da serviços, é superavitária, também houve melhora, de US\$ 276 milhões em relação ao primeiro semestre de 1999.

Lopes destacou que o déficit em transações correntes continua sendo financiado por investimentos estrangeiros diretos. No primeiro semestre, a entrada líquida de investimentos diretos chegou a US\$ 13,054 bilhões.